

UMA ENTREVISTA COM JAMES C. SCOTT

 10.5935/2177-6644.20210030

AN INTERVIEW WITH JAMES C. SCOTT

UNA ENTREVISTA CON JAMES C. SCOTT

Suzana dos Santos Matos *

 <https://orcid.org/0000-0002-9169-9667>

Resumo: O Professor de Ciência Política e Antropologia da Universidade de Yale, James C. Scott, concedeu uma entrevista no dia seguinte à sua Palestra Ilustre no Food Studies Centre. Ela foi publicada pela Gastronomica: The Journal of Critical Food Studies em inglês. Aqui apresentamos sua tradução para a língua portuguesa.

Palavras-chave: James C. Scott. Ciência Política. Antropologia.

Abstract: The Professor of Political Science and Anthropology, James C. Scott, sat down for an interview on the following day of his Distinguished Lecture in the Food Studies Centre. It was published in English by Gastronomica: The Journal of Critical Food Studies. Now we present its translation to Portuguese.

Key-words: James C. Scott. Political Science. Anthropology.

Resumen: El Professor de Ciencias Políticas e Antropología de la Universidad de Yale, James C. Scott concedió una entrevista al día siguiente de su Conferencia Distinguida en el Food Studies Centre. La entrevista fue publicada en inglés por Gastronomica: The Journal of Critical Food Studies. Aquí te presentamos su traducción al portugués.

Palabras-clave: James C. Scott. Ciencias Políticas. Antropología.

* Mestra em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-graduanda em tradução do Inglês pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Professora de Geografia na Rede Municipal do Rio de Janeiro desde 2009. 
<http://lattes.cnpq.br/2932637850501308> - E-mail: suzamatos@yahoo.com.br.

Em 11 de dezembro de 2014, James C. Scott, Professor *Sterling* de Ciência Política, Professor de Antropologia e diretor fundador do Programa de Estudos Agrários da Universidade de Yale, deu uma Palestra Ilustre no *Food Studies Centre* na SOAS (*School of Oriental and African Studies*), Universidade de Londres (coorganizada pelo *Agrarian Change and Development Research Cluster* da SOAS). As palestras nesta temporada são copatrocinadas pela *Gastronomica: The Journal of Critical Food Studies*. No dia seguinte, Scott respondeu às perguntas feitas por Harry G. West, professor de Antropologia e Presidente do *Food Studies Centre*; Celia Plender, doutoranda em antropologia e outros estudantes da SOAS.

Há décadas Scott é uma figura chave nos Estudos do Sudeste Asiático e no estudo comparativo das sociedades agrárias e política camponesa. Suas obras mais conhecidas analisam estado, hegemonia, revolução, resistência e anarquismo, e incluem *The Moral Economy of the Peasant*, *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*, *Seeing Like a State: How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed* e *The Art of Not Being Governed: An Anarchist History of Upland Southeast Asia* (todos publicados pela *Yale University Press* em 1976, 1980, 1998 e 2008, respectivamente).

Neste encontro, Scott reflete sobre seus precursores intelectuais e o lugar que ocupa no panorama das disciplinas acadêmicas, a importância da alimentação e da agricultura no seu trabalho, o frágil futuro da agricultura camponesa e das sociedades agrárias, globalização e surgimento da agricultura corporativa e das indústrias alimentícias, pobreza e luta pela justiça e experiências próprias com agricultura e conservação de terras agrícolas.

PAINEL:

James C. Scott [JS]

Harry G. West [HW]

Cleia Plender [CP]

HW: Jim, o que o atraiu para “estudos agrários” – especificamente com foco no campesinato e sua relação com o estado - e o que o atraiu para o Sudeste da Ásia? Existe uma história que você possa compartilhar para nos dar uma noção desta pauta intelectual emergente?

JS: Eu esbarrei no Sudeste da Ásia. Estraguei minha tese de graduação, meu professor me dispensou, e se eu queria um diploma com distinção, tinha que encontrar alguém que me adotasse. Eu era formado em economia e alguém disse: “Bem, acho que gostaria de entender mais sobre o desenvolvimento econômico da Birmânia e se você fizer isso, vou adotá-lo como orientando”. E eu

disse: “Tudo bem”. Então quando fechei a porta do escritório, disse a mim mesmo: “Onde fica a Birmânia?”. Consegui uma bolsa do Rotary para ir à Birmânia e uma coisa levou a outra e me tornei um asianista do sudeste. No que diz respeito aos estudos agrários, essa de fato é uma história mais simples e talvez típica da minha geração. Comecei a lecionar como asianista do sudeste na Universidade de Wisconsin durante a Guerra do Vietnã, no meio desta. A universidade tinha uma longa tradição progressista, uma das razões pelas quais aceitei o emprego lá. No outono de 1967, quando cheguei para começar a lecionar, havia os chamados “*Dow Riots*” protestando contra a guerra, a fabricação e o uso de napalm pela *Dow (Chemical Company)*, bem como a pesquisa de contrato para o Departamento de Defesa conduzida no campus. Tais motins convulsionaram o campus e coincidiram com uma greve de professores assistentes para garantir direitos de sindicalização. A polícia respondeu mal e muitos alunos foram agredidos e detidos. A agitação levou a uma série de reuniões com todos os professores da qual participei ativamente, falando contra a guerra e a favor dos direitos dos manifestantes. Como um asianista do sudeste em ascensão passei boa parte dos dois anos seguintes falando contra a guerra no Wisconsin e em outros locais. Eu me interessei por rebelião camponesa – buscando entender o *Viet Cong* e como aconteceram rebeliões camponesas. Ministrei um curso sobre rebeliões camponesas com um amigo especialista em China, Edward Friedman, e naquela época tínhamos 400, 500 alunos na turma que estavam buscando uma ocasião para nos denunciar como insuficientemente progressistas. Por fim, decidi que, como os camponeses eram o maior segmento da população mundial, seria uma carreira honrosa e louvável dedicar minha vida ao estudo sobre camponeses e agricultura. Quando finalmente fui para Yale, começamos algo chamado Programa em Estudos Agrários e ele reuniu todas as pessoas que estavam interessadas na vida rural em geral: posse da terra, agricultura, alimentos e meio ambiente. Para mim foi uma maravilhosa comunidade interdisciplinar com a qual aprendi tremendamente. Eu penso no livro *Seeing Like a State* como o livro que os estudos agrários me ajudaram a escrever, apenas ao participar de todos os seminários que tínhamos - incluindo aqueles que Harry apresentou.

HW: A próxima pergunta realmente se baseia nisso. É sobre disciplinaridade e interdisciplinaridade, porque você frequentemente envolve seu trabalho com uma gama de disciplinas: ciência política, antropologia, história, silvicultura é muito proeminente no Programa em Estudos Agrários, inclusive pessoas nas ciências ambientais; seu trabalho também é usado por estudiosos destas disciplinas. E você usa métodos etnográficos, métodos de arquivo, se envolve com a cultura de maneiras que o típico cientista político não costumam fazer. Então nos diga seus pensamentos sobre

disciplinas: utilidade, problemas que elas colocam, onde seu trabalho se encaixa em relação a elas. Você se considera indisciplinado?

JS: Com certeza! Eu fui treinado como um cientista político e a profissão me entedia, para ser franco. Estou realmente entediado pelo trabalho convencional na minha disciplina, o que me dá um pouco a impressão de escolástica medieval específica. As pessoas me perguntam sobre a organização intelectual do meu trabalho interdisciplinar, e tenho que dizer, é a consequência do tédio e do conhecimento de que tantas outras coisas foram escritas sobre camponeses que são mais interessantes do que qualquer coisa que cientistas políticos escreveram sobre eles, que eu deveria ir para aqueles lugares e aprender essas coisas e ler textos alheios à disciplina como Balzac e Zola, romances sobre campesinato e memórias. Se você gastar todo o seu tempo lendo ciência política convencional, vai reproduzir ciência política convencional. Nada diferente virá desse lugar. Parece-me que qualquer coisa interessante que aconteça na ciência política é provavelmente uma importação de algum lugar exótico fora dela e por acaso eu vou para lugares exóticos, diferente de outras pessoas, e de vez em quando me deparo com algo que me ajuda a entender. A coisa que me atraiu para a antropologia foi a insistência em uma espécie de trabalho de campo de olhos bem abertos e imersão total em uma comunidade camponesa e dessa forma eu fui da ciência política para uma espécie de inveja da antropologia. Posso recordar a primeira vez que dei uma palestra, eu acho que foi em Toronto, não sabiam de qual disciplina eu vim, e disseram: "Jim Scott, antropólogo social de Yale", e pensei: "Oh meu Deus, finalmente passei". Senti-me tão orgulhoso pois não sabiam que eu era cientista político. Eu consegui transcender à minha formação.

HW: Em seguida, temos uma pergunta que trata de um aspecto metodológico do tipo de trabalho etnográfico que você tem feito.

CORMAC CLEARY: Em *Weapons of the Weak* você diz que "situações carregadas de poder são quase sempre inautênticas". Ser membro de uma instituição ocidental de elite e ocupar uma posição elevada nas estruturas globais de poder, quero saber se isso afetou sua busca pelo "transcrito oculto" entre os camponeses e, caso o tenha, como você contornou isso?

JS: O único trabalho de campo de alguma extensão real que fiz foi para *Weapons of the Weak* e isso era mais ou menos o convencional, aldeia de cultivo de arroz no estado de Kedah, na Malásia. Passei quase dois anos em uma pequena aldeia — talvez setenta famílias. Nunca trabalhei tão duro na minha vida, ou aprendi tanto tão rápido. Como antropólogo, estava no trabalho desde quando

abria os olhos de manhã até fechá-los à noite. Eu sempre lia um romance por 20 minutos, com uma lanterna sob a rede de mosquitos, não importando o quão tarde tivesse terminado minhas notas de campo - muito depois de todos na casa terem adormecido - apenas para clarear minha cabeça e viajar por um instante para outro mundo. Toda minha família estava comigo e entre si os quatro notaram muitas coisas que eu havia negligenciado. Acho que é justo dizer que esta foi a única ocasião em que fiz por merecer como etnógrafo de campo. Embora eu tenha tropeçado algumas vezes, senti que consegui chegar a conhecer uma aldeia de forma íntima o suficiente para que sempre que fosse tentado a fazer alguma generalização de terceira ordem sobre camponeses e aldeões, tivesse um lugar do qual eu sabia o suficiente para que pudesse pelo menos evitar os clichês habituais. *A dominação e a Arte da Resistência*, para o qual originalmente não fiz pesquisa de campo, lida mais com o assunto dos "transcritos ocultos" - acho que é o meu trabalho que de alguma forma foi mais longe fora das ciências sociais. E você não pode pensar sobre essas questões sem analisar seu próprio desempenho diante de pessoas de autoridade e o desempenho de pessoas sobre quem você tem autoridade quando interage com elas. Isso me deixou maravilhosamente autoconsciente. Tenho parte da responsabilidade de tentar arrecadar dinheiro para este Programa de Estudos Agrários, então uma vez por ano tenho que ir à Nova York e demonstrar de maneira convincente para executivos de fundações que o que estamos fazendo é exatamente o que eles querem que aconteça no mundo. Não tem a ver com as pessoas que estão na camada mais pobre da sociedade, indigentes etc., logo não quero engrandecer meus entendimentos com qualquer tipo de autoridade, porém é como se nos flagrássemos tendo de nos apresentar na luz mais favorável diante de alguém que tem o poder de nos ajudar, magoar ou ferir, e assim por diante. Da mesma maneira você se senta à mesa de um seminário em uma universidade e a forma circular desta faz com que pareça que todos são iguais. De certo modo, a arquitetura do seminário indica igualdade e a situação ideal de fala de Habermas. Mas na verdade algumas pessoas dão notas e outras as recebem e eu não tenho ilusões – o desempenho em um seminário é tanto para os outros alunos quanto para o professor que atribui as notas.

CP: Voltando ao seu projeto intelectual, você poderia citar de três a cinco estudiosos cujos trabalhos foram particularmente importantes para o seu desenvolvimento e explicar como o trabalho deles embasou o seu?

JS: Há livros que li que são absolutamente centrais à minha formação intelectual, como *A Grande Transformação* de Karl Polanyi. Disseram que eu tinha de lê-lo antes de ir para a pós-graduação, e

como foi alguém que eu respeitava, assim o fiz. Se esse não for o livro que mais influenciou meu desenvolvimento intelectual, está bem perto disso e permanece verdadeiro. Acho que há oito ou dez anos ao ensiná-lo, pensei que os alunos não estariam interessados no sistema *Speenhamland* de auxílio aos pobres, mas acaba que o livro é incrivelmente carismático e todos adoraram lê-lo. Portanto Karl Polanyi está no centro disso. *A Formação da Classe Operária Inglesa* de E.P. Thompson também é extremamente importante para mim. Posso recordar a cadeira onde estava sentado quando o li, pois levei dois ou três dias. Esse certamente ficou comigo em termos de análise de consciência de classe. E tenho as fotos de dois estudiosos sobre a minha mesa. Um deles é Marc Bloch, que trabalhou com sociedade feudal na França e as características essenciais da história rural francesa. Ele era o tipo de historiador rural que gostaria de ter me tornado se eu fosse um historiador, a pessoa que de pé em uma colina é capaz de ler na paisagem a história dos últimos três ou quatro séculos, apenas olhando as sebes, as marcas no terreno. Eu acho que *A Sociedade Feudal*, todos os dois volumes, mas sem as notas de rodapé, é um dos mais agradáveis e maravilhosos livros que já li. E o outro é Chayanov. *The Theory of Peasant Society*, vem basicamente de estudos meticulosos acerca de trabalho, despesas e cultivo em pequenas fazendas de camponeses, o que fazia parte de uma tradição austríaca e alemã de estudos sobre pequenas fazendas por volta da virada do século. Vale a pena pontuar que Chayanov foi assassinado por Stalin no início dos anos 1930 e Marc Bloch pelos nazistas também durante a Segunda Guerra Mundial. Finalmente, em *Seeing Like a State*, de repente me ocorreu que as pessoas que fazem grandes inovações geralmente são conhecedoras de uma disciplina, mas não foram treinadas nela a partir do convencional. Eu aprendi muito com trabalho de Jane Jacobs em *Morte e Vida de Grandes Cidades*. Ela não era uma planejadora urbana ou uma historiadora urbana, mas trabalhou como jornalista para uma revista de arquitetura e tinha um olhar diferente, como mãe entre outras coisas, e como caminhante na cidade. Ela viu a cidade com olhos que nenhum planejador urbano teria e produziu a melhor crítica do planejamento urbano modernista que acredito termos agora uma espécie de doutrina estabelecida, mas à época, em 1960, não foi. O outro exemplo é Rachel Carson. Ela começa seu livro *Primavera Silenciosa* com as mulheres no Michigan percebendo que não mais há pássaros canoros em seus quintais e se perguntando o que aconteceu com eles. Ela era uma bióloga marinha que por acaso se interessou por pesticidas e vida selvagem. Ambas escreveram livros que são ortogonais à disciplina e ao trabalho em biologia e meio ambiente naquela época e abriram muitos caminhos para outros estudiosos que queriam fazer trabalhos desse tipo. Então é um pouco preocupante que a maior parte desse trabalho seja produzida por, não diria outsiders, mas quase-outsidere. O truque é, então, como

você pode fazer de si um quase-outsider e ver por outra perspectiva todas as coisas que sua disciplina menospreza, e uma das coisas que você pode fazer, claro, é reverter todas as suposições que sua disciplina lhe ensina e ver como fica de cabeça para baixo. Geralmente é tão plausível quanto a maneira como você é ensinado e essa é uma boa forma de começar.

CP: Seguindo a pergunta anterior, se a dinâmica da sociedade agrária tem sido seu principal interesse, como você caracterizaria o significado de agricultura e alimentação no seu projeto intelectual?

JS: Bem, por mais de duas décadas fui criador de ovelhas. Faço um pouco de jardinagem, mas não estou muito interessado em arranhar a terra e fazer crescerem vegetais. Sou um amante dos animais e sempre amei criá-los. Isso nunca foi muito lucrativo. Aprendi a tosquiar - o que com certeza é a coisa mais difícil que já aprendi a fazer - e tosquei para os vizinhos. Dessa forma, tenho desfrutado como agricultor medíocre de uma relação com a agricultura, como criador de ovelhas medíocre e apicultor medíocre - e estou falando sério sobre a mediocridade, estou bem lá no meio. Como tosquiador de ovelhas recebo um B ou até um B+, certo? Em todo caso, descobri que praticar um pouco de agricultura me faz sensível a questões que de outra forma eu não entenderia. Quatro de nós começamos o programa de estudos agrários, pensamos que era basicamente um programa de estudo de camponeses. Estávamos interessados na posse da terra e em camponeses. Não sabíamos nada sobre a biologia e a botânica da cultura, como as coisas cresciam, composição do solo, meio ambiente ou alimentação e cadeias de abastecimento. Então o que tem acontecido é que os alunos que vêm à nossa porta nos últimos vinte, vinte e cinco anos têm se interessado mais em meio ambiente, alimentação e cadeias de abastecimento. O pessoal dos estudos ambientais sabe muito sobre a cobertura do solo, nutrientes e erosão. Acho que meu interesse por alimentação e agricultura, qua-agricultura em oposição aos camponeses, é resultado de mudanças no *zeitgeist* e nos interesses das pessoas. Eu me lembro, íamos fazer uma pequena conferência sobre posse da terra, recordo-me de Michael Pollan, que tem uma boa percepção do *zeitgeist* popular, dizendo: “Você sabe, se você fizer uma conferência sobre posse da terra, ninguém vai comparecer. Encontre um a forma de começar com alimentação e então você pode levá-los para onde quiser, mas deve começar pelo lugar onde eles provavelmente estão envolvidos”. Agora acho que o fato é que alimentação, dadas as preocupações atuais sobre saúde, cadeias alimentares, meio ambiente etc., é uma maneira fabulosa de fazer com que as pessoas procurem a origem do que quer que estejam comendo, como foi criado e cadeia de abastecimento que o reuniu, e isso é parte de uma séria

análise do capitalismo, quero dizer que você pode ir a níveis teóricos profundos, começando com o pedaço de carne ou o vegetal no seu prato.

HW: Queremos agora passar para algumas questões que têm um foco temático. Em *Weapons of the Weak*, existe a história da colheitadeira: após esta tecnologia começar a substituir o trabalho camponês, a máquina fica presa na lama e a ajuda dos camponeses é solicitada para tirá-la. Claro que eles não ficaram muito satisfeitos e apresentaram resistência. Portanto, é uma história tanto sobre os camponeses tornando-se irrelevantes quanto resistindo a isso. Pense nessa história propondo duas possibilidades. Pode ser emblemático de um momento de transição irreversível, ou uma história que é contada repetidas vezes em vários lugares e em diferentes épocas. Conforme olha para trás através dos anos, o que você tem visto em diversos lugares e as coisas que têm estudado, a pergunta é: por quanto tempo essa história atemporal pode ser recontada antes que não haja mais ninguém, do tipo que você estudou por muito tempo, para resistir?

JS: Bom, deixe-me dizer por que essa história pareceu importante para mim na época e por que podemos pensar que histórias como essa nos dizem algo importante. De certo modo, foram as ondas de história atropelando esses pequenos agricultores da região na qual eu fazia minha pesquisa. Eles entenderam que seus dias estavam contados e a colheitadeira presa na lama foi um revés, um momento de vitória simbólica e foi importante para eles pois representou um momento de sucesso e triunfo em um mundo onde as cartas avolumaram-se contra os camponeses de todas as formas. E é por isso que falaram muito sobre o fato. É interessante que o mundo dos boatos e da fofoca é de realização de desejos. E uma das coisas que dá volume e amplitude a um boato é que ele satisfaz sonhos e expectativas das pessoas a respeito do mundo – e isso não se dá apenas com o campesinato. Eu me lembro, havia um homem na minha aldeia do qual ninguém gostava, porque além de mim ele era a única pessoa que tinha um pequeno automóvel, mas nunca levou ninguém para o hospital, jamais fez algum serviço para a aldeia. Corria o boato de que o chinês de quem ele pegou dinheiro emprestado para o carro viria para recuperá-lo, e eu nunca vi pessoas mais felizes, o odiavam, pois, ele não estava usando sua riqueza para ser um bom membro da comunidade, eles ficaram muito felizes com a notícia. Isso impregnou a aldeia por dias e dias, mas acabou sendo mentira. E eis que, dois meses depois, os intermediários do chinês vieram e levaram o carro, assim eles tiveram seu momento. Acho que Eric Hobsbawm capta isso com o conceito de banditismo social. Em quase todos os países há uma história do que Hobsbawm chama de banditismo social, isto é, pessoas que roubam dos ricos e dão aos pobres, que são vistas como benfeitoras dos pobres.

O ponto de Hobsbawm que eu acho absolutamente correto, é que não importa muito o que o bandido social está fazendo, e você sabe, histórias sobre Jesse James ajudando velhinhas a atravessar rua, do retorno à sua cidade para ensinar na escola dominical como um bom cristão. Nada disso chega perto de ser verdadeiro. Este é o sonho que as pessoas tinham, de que ele era um deles, um bom cidadão cristão de sua cidade. Então preenchem o vácuo de informações com suas expectativas utópicas do que pode ter feito um bom homem estava violando a lei em seu favor. Portanto, o mundo do boato e da fofoca é como uma fonte privilegiada onde um cientista social ou um antropólogo pode medir a temperatura das aspirações populares.

HW: Quanto tempo perdura essa história? Continua interminavelmente ou há um fim em tudo isso?

JS: Em um mundo de injustiça, haverá sonhos de justiça; se há camponeses por perto, se é justiça para os camponeses ou não, é outra coisa. Podemos estar vendo o fim do pequeno produtor em muitos lugares, a despeito da Via Campesina, pode ser que os dias estejam contados para esse tipo de pequena propriedade. Mas me parece que boatos e sonhos de justiça fazem parte de uma dialética de injustiça, e sonhos de justiça estarão conosco enquanto houver injustiça, o que parece não faltar.

HW: Mantendo o tema da resistência, em *The Art of Not being Governed*, você argumenta que há ecologias naturais específicas - nesse caso, colinas, montanhas, terreno alto, que se prestam a formas de resistência, formas de recuo frente a autoridade, e você define isso muito bem com o tipo de relacionamento entre as pessoas, seus cultivos e esses espaços de resistência. Vemos hoje toda sorte de forças que estão se expandindo para essas áreas interiores e de fronteira, bem como o esgotamento das terras aráveis e o cultivo atual de áreas marginais, incluindo ecossistemas de floresta tropical e terrenos com maior declividade. Também vemos tentativas nas ciências agrícolas de criar tecnologias que podem ser expandidas para esses terrenos. Mas até que ponto você vê esses nichos ecológicos como sendo capazes de persistir através do tempo e fornecer uma espécie de cobertura ou habitat para formas de resistência social, econômica e política?

JS: Essa é uma grande pergunta. Existem áreas na maioria dos países, especialmente no sul global, nas quais o estado nunca teve muito interesse. Podem ser desertos, pântanos, os chamados *empty quarters*, áreas em que a população é relativamente escassa e não produzem muitos recursos de mercado importantes, as chamei de "fiscalmente estéreis" em *The Art of Not Being Governed*. Nos governos coloniais britânico e francês essas áreas foram geridas indiretamente, através da nomeação

de chefes nativos e da certeza de que não custassem qualquer dinheiro à metrópole. As áreas que eram valiosas para a economia como zonas de exportação, campos tributários e assim por diante, foram governadas de maneira mais ou menos direta. O que acho interessante é que no final do século XX parece que dificilmente existe alguma parte do mundo que não forneça algum retorno capitalista, desde que ela seja acessível e os recursos possam ser extraídos. Isso inclui metais de terras raras, tipos de minérios diferentes, usados em telefones celulares e na indústria aeroespacial; sítios hidrelétricos; e madeira em pé, que de fato possa ser retirada de helicóptero nas situações mais difíceis. Acredito que pântanos ainda não drenados são algumas das últimas áreas que persistem. Então, quando a Guerra Civil começou nos Estados Unidos havia sete mil escravos fugidos no Grande Pântano Sombrio, na fronteira da Virgínia com a Carolina do Norte, porque era uma área onde você estaria seguro se não pudesse chegar ao Canadá. Não que esses espaços "não-estatais" sejam inexistentes, mas estão cada vez mais escassos. Há mais e mais tecnologias disponíveis para fazer desses espaços anteriormente fora da rede, perceptíveis e sob controle. Pense, por exemplo, na Guerra do Vietnã e no agente laranja, que foi um esforço para destruir as copas das árvores com o intuito de detectar os movimentos dos vietcongues sob o dossel. E a disseminação das grandes plantações: óleo de palma, borracha, no sudeste da Ásia, também tornando esses lugares perceptíveis. Assim como o movimento dos povos do vale, cuja população está crescendo rapidamente no sudeste da Ásia. Existe esse esforço no Vietnã, na Birmânia e na Tailândia, para mover tailandeses, birmaneses e vietnamitas para as colinas, a fim de engolfar a população indígena e povoar as fronteiras com povos considerados culturalmente similares e mais leais. E claro, o é verdade acerca do que está acontecendo no sudoeste da China. O movimento de numerosas populações Han em direção a essas áreas, o que sobrepuja e engolfa a população indígena, tornando-a minoria. E se você olhar para as fronteiras do Tibete, a maior parte dos budistas tibetanos estão fora da região autônoma do Tibete, e isso é intencional para dividi-los e misturá-los com as populações Han que podem dominá-los.

HW: Há mais uma pergunta aqui que se refere à dinâmica entre desaparecimento e persistência. Está relacionada com alimentação e práticas alimentares no sudeste da Ásia.

ANDY SPRAKLEN: Em referência novamente ao livro *Weapons of the Weak*, você revisitou Muda recentemente? Quais são as suas opiniões sobre o estado e a sustentabilidade futura do sistema alimentar do sudeste asiático e culinária que ele ampara, e em que medida os métodos de produção e os hábitos de consumo ocidentais impactam a culinária do sudeste asiático?

JS: Eu volto para a aldeia a cada quatro ou cinco anos por uma questão de hábito e de lealdade, mas ela mudou demasiado e muitas das pessoas que eu conhecia agora estão mortas. Acho que é importante dizer que, em termos de práticas alimentares, a área em que eu estava trabalhando era de solo argiloso marinho, geologicamente era o fundo do mar há não muito tempo, era inteira uma planície de cultivo de arroz. Quero dizer, as pessoas cultivavam um punhado de vegetais ao longo dos canais durante a estação seca, regando de vez em quando, mas neste lugar não cresce muita coisa exceto arroz, ponto. Havia peixes pequenos nos arrozais e nos canais e uma série de verduras que se podia coletar, chamadas de *kangkung*, que as pessoas comiam todos os dias. Na verdade, acho que provavelmente tive a dieta mais saudável de toda a minha vida, era peixe, arroz e verduras, todos os dias, o dia todo. Era monótono, mas não pouco saudável, exceto que não havia muito em termos de frutas que vinham das montanhas, mas elas estavam disponíveis na maioria dos mercados porque a Malásia tinha um belo sistema viário que fazia o trânsito das coisas, dos produtos da colina. Minha impressão é de que a culinária camponesa malaia é monótona, porém bastante saudável, e eles têm bananas e cocos. Com um pouco de dinheiro extra, podem adicionar frutas e vegetais que não são cultivados em sua região. Acho que, dadas as restrições de renda, eles comem provavelmente tão bem quanto quase qualquer pessoa no mundo. Na cidade, a Malásia apresenta um híbrido maravilhoso de comida chinesa, indiana, malaia e fusões desses culinárias. Muitos de vocês estão familiarizados com a chamada culinária *Nyonya*, que é a versão chinesa comida malaia, famosa em *Penang* e outros lugares. Então, eu acho que é um lugar cosmopolita com muitos sabores diferentes e um público consumidor de alimentos bastante inteligente, a Malásia tem uma cultura alimentar muito rica e variada. Agora, se você mudar um pouquinho a ótica do seu questionamento e perguntar o que está acontecendo com a Malásia como produtora de alimentos, em geral está produzindo óleo de palma, borracha, e arroz, três commodities básicas, e não contribuindo muito para a biodiversidade de produtos agrícolas. A partir dessa perspectiva de onde eles se encaixam na cadeia alimentar internacional, você poderia desenhar um quadro muito mais pessimista e lamentável, a Malásia provavelmente foi tão longe quanto qualquer país do mundo para substituir pequenas fazendas por indústrias, plantações monocultoras, a maior parte para culturas industriais como óleo palma e borracha e madeira com todas as perdas de biodiversidade e pragas, o que implica o uso pesado de pesticidas e herbicidas.

CP: Agora gostaríamos de passar a pensar mais sobre as corporações, globalização e o papel do estado no sistema de alimentação e na agricultura.

TRACEY CAMPBELL: Dado que poucas sociedades, se houver alguma, são agora totalmente independentes das forças de mercado que discutimos hoje, quando estão fazendo suas pesquisas, como os etnógrafos deveriam considerar corporações enquanto atores? Para elaborar um pouco mais, muita gente estudando agricultores camponeses lamentam a presença de um mercado ou das corporações que extraem valor dos camponeses, mas não parece haver uma metodologia robusta para lidar com as corporações do outro lado dessas transações para que haja uma perspectiva corporativa sobre a transação. Parece ser uma espécie de "território inexplorado pretensamente perigoso" da pesquisa etnográfica.

JS: Suponho que isso seria remediado pelo tipo de etnografia em que as pessoas, disfarçadas ou com permissão, fazem etnografias de corporações como estas são lidando com aquelas, certo? Então, eu recomendaria um herói aluno meu que se chama Tim Pachirat. Ele teve uma ideia que não era politicamente correta para um cientista político. Ele estava interessado no que fazia às pessoas matar seres sencientes para viver, todos os dias o dia todo. Embora seja originalmente de origem tailandesa-americana e indo trabalhar na Tailândia, ele aprendeu espanhol e arranjou um emprego em um matadouro onde trabalhou por um ano e meio, incluindo atuar no abatedouro do matadouro. Acabou escrevendo uma etnografia da visão no matadouro em um livro que te prometo, você não vai conseguir largar. Todo mundo disse era um movimento de fim de carreira como uma dissertação, mas ele queria fazê-lo e o livro é um relato surpreendente da maneira como as seções limpa e o suja de um matadouro são mantidas separadas uma da outra e os trabalhadores tratados de forma diferente, e a maneira como a linha trabalha. Você só poderia escrever esta etnografia, se estivesse realmente fazendo este trabalho. E se ele pedisse permissão nunca a teriam dado, então ele simplesmente o fez. Ele ignorou todos os protocolos para as pessoas que você está entrevistando etc., simplesmente ignorou tudo e fez. Como começou do nada, muita coisa aconteceu. Ele passou três meses pendurando fígados em uma câmara fria com outro trabalhador hispânico. Quer dizer, três meses apenas tirando um fígado de uma corrente, colocando em uma caixa e passando adiante. Ele não pensou que havia muita etnografia saindo da sala onde ele estava embalando fígados, mas ele gradualmente foi abrindo caminho para outras partes da planta. Eu gostaria que mais pessoas entrassem na barriga da besta, seja de empresas, supermercados ou instituições. No final de seu livro, ele sugere fazer matadouros do vidro permitindo que crianças de escola vejam como sua carne é preparada. Sempre acreditei que as ciências sociais eram uma profissão progressista, já que eram os poderosos que tinha mais a esconder sobre como o mundo realmente funcionava, se você

pudesse mostrar como o mundo realmente funciona, sempre teria um desmascaramento e um efeito subversivo nos poderosos. Eu não acho que seja bem verdade, de qualquer maneira, não parece ruim como ponto de partida.

HW: Passando agora para o estado, você associa historicamente o desenvolvimento de tecnologias de governo com formas de hierarquia cada vez mais exploradoras e, claro, os estados revolucionários entram em cena para crítica focada em seu trabalho, ao distinguir entre lutas sobre e através do aparato do estado, você aponta que essas lutas geralmente são desastrosas para os camponeses e os trabalhadores pobres. Mas em um mundo globalizado onde formas decisivas - e aqui estou pensando acerca de coisas como cadeias de abastecimento de alimentos verticalmente integradas - operam em distâncias cada vez maiores e parecem cada vez menos controláveis para as pessoas comuns, não há um papel para o estado; a resistência é possível sem envolver o estado, sem usar o estado de um jeito ou de outro?

JS: É difícil ver qualquer estrutura institucional que se posicione no caminho da homogeneização e simplificação destas cadeias de abastecimento no capitalismo internacional, a menos que seja o estado-nação, certo? A menos que seja um tipo de estrutura de estado autoritária. Então, "sim". [Risos] Agora, restrições que deixarão pouco do "sim" de pé. Em primeiro lugar, a maioria dos estados não são nem remotamente democracias e a maioria das pessoas que dirigem esses estados em geral obedecem às licitações de seus senhores corporativos, aceitam subornos e são servos do capitalismo internacional, certo? Portanto, não podemos confiar nesses estados, podemos? Então você pega as democracias ocidentais contemporâneas, deixe-me usar meu próprio país como exemplo pois conheço melhor. Sim, você tem sistema eleitoral; sim, você reelegeu o primeiro presidente negro; sim, há algumas mudanças. Por outro lado, a concentração de riqueza tornou-se cada vez maior e maior, permitindo que lobistas e pessoas que fornecem financiamento para políticos basicamente controlassem uma campanha e sua mensagem. Essas pessoas tendem ao alto escalão do mundo corporativo controlam a maior parte da mídia e suas mensagens - certo? Estas pessoas também podem participar dos comitês do Congresso e escrever lacunas na legislação. Mesmo quando há reforma, eles são capazes de influenciar tanto a redação da legislação embutindo lacunas, elas não precisam ser encontradas, eles são realmente legislados. Então você tem um estado que em um mundo neoliberal é cada vez menos capaz de ser um mediador honesto, um representante das aspirações populares, para disciplinar as corporações. Eu quero deixar um pouco do sim de pé, porque como resultado da crise financeira houve regras ligeiramente mais rígidas

sobre capitalização bancária, regulamentação, alguma proteção ao consumidor, mas acho que em geral há não muito nesse sentido. Agora, a social-democracia escandinava é uma figura melhor, mesmo assim Atlântico Norte, neoliberalismo anglo-americano não está fornecendo o tipo de estado que eu acho que pode fornecer este tipo de disciplina e regulamentação. Estou pessimista.

ORLENA YEE: Seu trabalho e suas respostas hoje têm documentado muitas das maneiras que os estados minam a agricultura camponesa, direitos de posse da terra e até ecologias agrícolas, mas em alguns casos históricos, o estado desempenhou papel fundamental na proteção de ecossistemas ameaçados, fortalecimento dos direitos à terra, e subsidiando a agricultura. Você pode comentar sobre a possibilidade de o estado desempenhar um papel benéfico em tais casos?

JS: Conte-me mais sobre esses lugares que protegem agricultores e ecossistemas.

ORLENA YEE: Em *Weapons of the Weak* você usa o exemplo da dupla safra de arroz, como o estado assumiu o controle do abastecimento de água e Muda se tornou uma área de dupla safra. E inicialmente, isso aumentou o nível de bem-estar de todos, mas como você argumentou, com o tempo as desigualdades aumentaram, principalmente para os camponeses, que sofreram. Mas na circunstância inicial, ajudou. E eu só estava me perguntando, haveria quaisquer outros casos como esse?

JS: É verdade, todos olharam para a dupla safra como a primeira vez em que até mesmo famílias pobres podiam comer arroz o ano todo, o que foi um importante marcador civilizacional eles. Esse foi um momento em que a posse da terra permaneceu constante e o abastecimento de água durante todo o ano aumentou, foi próspero para todos. Mas muito rapidamente esses efeitos começaram a recuar e mudar o sistema de posse da terra, no qual grandes proprietários que anteriormente tiveram que arrendar pois não podiam cultivar áreas vastas, puderam usar grandes máquinas e então cultivar, e chutaram muitos dos seus arrendatários. Minha impressão é que apenas em situações quase-revolucionárias em que o estado intervém e garante a pequena propriedade que isso ocorre. O mais marcante exemplo disso é provavelmente a Revolução Mexicana onde os camponeses mexicanos recuperaram suas terras milpa que haviam sido tiradas pelos grandes monocultores. E até a nova lei básica dez anos atrás, imposta em parte pelo Banco Mundial, muitos camponeses mexicanos tinham pelo menos um pé na terra - eram capazes de cultivar algumas das principais culturas de subsistência de que precisavam. Mas acho que isso é bastante raro e quando acontece, acontece porque há um movimento popular de direito à terra que é poderoso o suficiente para criar

um sistema de governo dedicado a isso e para o impor. Como você sabe, o mundo é cheio de reformas agrárias fracassadas, então geralmente há o chamado limite de retenção de terra. Lembro-me de alguém me explicando isso nas Filipinas, estavam viajando com uma equipe de reforma agrária e a notícia veio pelo rádio, eles estavam configurando o limite de quanta terra você poderia manter antes que fosse tomada e distribuída aos arrendatários, e descobriu-se que – eu acho que entendi direito, isso foi com o Marcos muito tempo atrás em meados da década de 1970 - que o limite de retenção foi declarado como vinte hectares, que é muita terra de arroz. E a equipe de reforma agrária irrompeu em aplausos espontâneos, pois eles todos possuíam entre dez e vinte hectares de terra e estavam felizes que nada seria tirado deles. Quando existe uma retenção limite, claro, é possível que as pessoas de esquivem de centenas de maneiras, distribuindo terras para seus primos, filhos, sobrinhos, sobrinhas, garantindo que ninguém fique acima do limite de retenção. Portanto, a maioria das reformas agrárias de governo são efetivamente letra morta e as que não são, é por pressão popular ou uma revolução real. A outra coisa que gostaria de mencionar, especialmente no momento neoliberal em que vivemos, é que os economistas do FMI e do Banco Mundial acreditam que a única forma de progresso econômico é buscar o maior retorno da terra, e isso é para criar um mercado, um mercado nacional de terras onde qualquer pessoa possa comprar terras em qualquer lugar, e isso significa ter certeza de que pessoas que têm títulos pouco claros recebem títulos claros - isto é o cavalinho de pau particular do Hernando de Soto. O que eles estão tentando fazer no México é intitular todos esses pequenos pedaços de terra e Hernando de Soto acredita que podem usá-los como garantia para obter um empréstimo para iniciar um pequeno negócio de um tipo ou de outro. Na verdade, permite a concentração de terras nas mãos de empreendedores ricos que podem realmente conseguir lucrar mais com esta terra do que um pequeno proprietário, mas provavelmente às custas da insegurança dos pequenos produtores que anteriormente tinham alguns itens de subsistência sobre os quais tinham o controle direto. Portanto, parece-me que o maior projeto de desenvolvimento no mundo é o projeto de titulação de terras do Banco Mundial. É uma fórmula. Qualquer funcionário, suponho, pode enviar, oh. . . , \$ 49,99 e uma tampa de caixa de cereal para o Banco Mundial, e lhe enviarão de volta um kit de titulação de terras, porque eles estão titulando terras em todo o mundo com o objetivo de viabilizar a comercialização de terrenos de uma forma contratual segura garantida por lei, estão tentando fazer da terra uma mercadoria. Embora esteja mencionando isso, acho interessante que agora seja possível para países como Arábia Saudita, Catar, China e assim por diante arrendar por até noventa e nove anos enormes extensões de terra no Terceiro Mundo. E assim acontece que a terra não é

apenas uma commodity fungível dentro de um mercado nacional de propriedade, mas o é também em um mercado internacional no qual a única coisa que você pensou que ficaria no mesmo lugar pode ser efetivamente vendida para estrangeiros.

CLAIRE GILBERT: Pensando sobre terra em uma escala menor, eu estava lendo sobre sua fazenda em *New Haven* e mexeu muito comigo, dados os seus comentários sobre “*escape agriculture*” no livro *The Art of Not Being Governed* e no senso de autonomia proporcionado pela propriedade da terra em *Two Cheers for Anarchism*. Minha pergunta é, até que ponto você vê sua fazenda e outras fazendas de hobby menores, como formas eficazes de resistência no Ocidente?

JS: Eu não acho que eles sejam resistentes. [Risos] Sabe, como você diz, é uma fazenda de hobby, e agora, em vez de ovelhas eu tenho duas vacas escocesas das montanhas que estão lá há sete ou oito anos e são como enfeites de gramado, mais ou menos, tenho galinhas e abelhas e faço isso para minha paz de espírito. O que tenho feito, não o engrandeceria com o nome de resistência, é que passei a amar tanto esta terra - são cerca de quarenta e seis acres - que organizei para colocá-la em uma “servidão ambiental”, o que significa que nunca poderá receber construções e deverá sempre ser terreno descampado ou terra agrícola, e isso meio que reduziu seu valor para meus filhos. Bem, muito ruim para eles. Mas isso significa que lá nunca haverá um Walmart ou um Sainsbury's, então fiz o mínimo que posso para ter certeza de que fiz o certo pela terra.

Publicado originalmente em: WEST, Harry G., PLENDER, Celia. An Interview with James C. Scott. **Gastronomica: the journal of critical food studies**, v.15, n. 3, 2015, p.1-8.

Recebido em: 27 de setembro de 2021.

Aprovado em: 03 de novembro de 2021.